

Proteções privadas da rua e relações de vizinhança: estudo de caso em Ribeirão Preto

Luísa Registro Fonseca*, Susana S. B. Durão.

Resumo

A pesquisa teve como finalidade observar e analisar como se forma e se caracteriza a vigilância compartilhada entre vizinhos em ruas de diferentes bairros na cidade de Ribeirão Preto, juntamente com o patrulhamento de empresas particulares de guardas de moto. O medo do crime e a progressiva desconfiança em relação a estranhos tem levado a mudanças importantes na forma de viver, conviver e comunicar no bairro. Este clima tem incentivado o uso de formas de comunicação indireta, como uso de redes sociais e aplicativos de conversa. O objetivo deste projeto é saber em que medida sentimentos de insegurança e novas formas de segurança residencial contribuem para mudanças nas relações de vizinhança de proximidade. A pesquisa, portanto, envolve “observação-participante” em trabalho de campo na rua, entrevistas com os moradores, vizinhos e guardas que trabalham na região para que eu possa assimilar o ambiente e as experiências de cada morador, as relações de vigilância, denúncias de “atividades suspeitas” e comunicação em grupos de conversa por meio de redes sociais, como o WhatsApp, acompanhado de parte da literatura antropológica que estuda segurança e conceitos de pertencimento em comunidade. A minha hipótese é que a segurança cria de fato novas relações urbanas, não apenas materiais mas também sociais.

Palavras-chave:

Antropologia urbana, segurança, vizinhança.

Introdução

Ribeirão Preto foi uma cidade que enriqueceu e cresceu rapidamente devido à grande expansão do agronegócio e os investimentos nessa área. A população aumentou, e com isso, a riqueza de parte dela também. Mas quando se há aumento de riqueza, pode haver o aumento da desigualdade, e isso se refletiu na segurança da vida privada dos habitantes. Houve uma enorme “condominização” da cidade. Vários condomínios residenciais foram construídos afastados do centro e perto das estradas. As pessoas que ficaram na cidade construíram muros mais altos em suas casas particulares, as cercas foram eletrificadas e farpadas. Surgiram empregos como agências de seguranças particulares de moto, que rondam o bairro e passam pelas ruas de casas pagantes, dia e noite. A comunicação entre os vizinhos também mudou ao passar dos anos, os moradores comunicam-se por intermédio de grupos de aplicativos de celular, como o *WhatsApp*, mas usam desse recurso sobretudo para denúncias, de “atividades suspeitas” na rua. O medo e a intensa preocupação por segurança os une. Débora Pastana pôde observar isso em sua obra “A Cultura do Medo”¹ em que ela destaca como o medo é um fator que permite compreender certas relações sociais em um espaço. Procuo avaliar em que medida os sentimentos de insegurança e as novas formas de segurança residencial que surgem no mercado contribuem para mudanças nas relações de vizinhança.

Resultados e Discussão

Para a execução da pesquisa foi utilizado recursos como gravador de voz de celular para registro das entrevistas, máquina fotográfica para registro das casas muradas, como também o uso de um caderno de campo para anotações referentes à observação participante e impressões sobre as entrevistas. A pesquisa, portanto, envolveu a metodologia de “observação-participante” em trabalho de campo na rua, entrevistas com os moradores, vizinhos e guardas que trabalham na região para que eu pudesse assimilar o ambiente e as

experiências de cada morador, as relações de vigilância, denúncias de “atividades suspeitas” e comunicação em grupos de conversa por meio da rede social *WhatsApp*, acompanhado de parte da literatura antropológica que estuda segurança e conceitos de pertencimento em comunidade. Nas entrevistas, os moradores dos dois bairros pesquisados disseram não confiar somente na segurança pública da polícia e acreditam que a utilização da segurança privada se faz necessária no Brasil. Em um dos bairros, a maioria dos moradores diz que não se sente seguro dentro de casa, por isso investem dinheiro em instalação de cercas elétricas, concertinas e câmeras de vigilância. Ademais, nos dois bairros, os moradores também não acreditam na eficácia do trabalho dos guardas de moto, mas que o enxergam como um recurso a mais no combate ao crime. Alguns no entanto, acreditam que é um serviço que se impôs por inércia ao longo do tempo. A eficácia do uso dos grupos de *WhatsApp* é questionada, em todas as respostas aparece a questão de que a rede social é uma ferramenta e não é utilizada da forma correta, e por isso não se torna tão eficaz como planejado.

Conclusões

É possível concluir que as relações sociais de vizinhança mudaram de fato ao longo do tempo em razão do medo da criminalidade e pela segurança. Recorrer à segurança privada também é uma escolha que apareceu em todos os casos e moradores entrevistados, mostrando que a segurança pública, para eles, não é o suficiente. O uso de aplicativos de rede social é presente também, no entanto, não se mostra efetivo como promete.

Agradecimentos

Agradeço à professora Susana Durão pela orientação e oportunidade de pesquisa nessa iniciação científica, e ao CNPq pela bolsa concedida.

¹ Pastana, D. R. *Cultura do medo: Reflexões sobre violência criminal, controle social e cidadania no Brasil*. São Paulo: IBCCRIM, 2003.